

## VOZES QUE LEEM, VOZES QUE CONSTROEM: A AUTORIA DE EVARISTO NA RECEPÇÃO DE *PONCIÁ VICÊNCIO*

### VOICES THAT READ, VOICES THAT BUILD: EVARISTO'S AUTHORSHIP IN THE RECEPTION OF *PONCIÁ VICÊNCIO*

Caio Mário de Oliveira Magalhães<sup>1</sup>

Universidade Federal de São Carlos

Lígia Mara Boin Menossi de Araujo<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos

**Resumo:** Ao pensarmos a literatura como um espaço de estudos sobre as (des)identidades nacionais, podemos trazer à baila grandes e diversificados autores que promoveram, cada um a seu tempo, movimentações importantes sobre essa discussão. Nesse cenário de rupturas nacionais, muitas das reflexões que emergiram, como o racismo, o preconceito de classes e a sexualidade eram temas que apareciam nas obras, quebrando a expectativa de uma realidade ideal e problematizando uma diversidade de realidades que assola não só a vida cotidiana dos sujeitos em interação, mas também como reflexo retratado pelo escopo literário da época. Dessa forma, buscamos refletir a gestão da autoria na obra *Ponciá Vicêncio* (2018), de Conceição Evaristo, a partir de sua materialidade inscricional e dos valores atribuídos a ela e da imagem de autor da estudiosa. Para tanto, no âmbito dos estudos discursivos, mobilizaremos a noção de imagem de autor (Maingueneau, 2006, 2010, 2016) para analisar o gerenciamento do lugar discursivo de autor e os aspectos da materialidade inscricional e da constituição de valor dela a partir do polo de recepção da obra. Por fim, tomamos a noção de interseccionalidade (Collins; Bilge, 2020, Collins, 2022) para refletir a influência que as relações interseccionais de poder têm no meio editorial e como pode ser utilizada enquanto forma de resistência intelectual.

**Palavras-chave:** Discurso; Autoria, Imagem de autor; Interseccionalidade, Literatura.

**Abstract:** When we think of literature as a space for studying national (dis)identities, we can bring up great and diverse authors who, each in their own time, promoted important movements in this discussion. In this scenario of national ruptures, many of the reflections that emerged, such as racism, class prejudice and sexuality were themes that appeared in the works, breaking the expectation of an ideal reality and problematizing a diversity of realities that plague not only the daily lives of the subjects in interaction, but also as a reflection portrayed by the literary scope of the time. In this way, we seek to reflect on the management of authorship in Conceição Evaristo's *Ponciá Vicêncio* (2018), based on its inscriptional materiality and the values attributed to it and

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Email: caiomomagalhaes@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística, Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Email: ligiamenossi@ufscar.br.

the scholar's image of the author. To this end, within the framework of discursive studies, we will mobilize the notion of author image (Maingueneau, 2006, 2010, 2016) to analyze the management of the discursive place of author and the aspects of the inscription materiality and the constitution of its value from the reception pole of the work. Finally, we used the notion of intersectionality (Collins; Bilge, 2020, Collins, 2022) to reflect on the influence that intersectional power relations have in publishing and how it can be used as a form of intellectual resistance.

**Keywords:** Discourse; Authorship, Author image; Intersectionality, Literature.

## Texto de autor convidado.

### A Autoria em Perspectiva

Ao pensarmos a literatura como um espaço de estudos sobre as (des)identidades nacionais, podemos trazer à baila grandes e diversificados autores que promoveram, cada um a seu tempo, movimentações importantes sobre essa discussão. No modernismo brasileiro, por exemplo, Guimarães Rosa, e sua forma particular de dizer o diferente, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, como autoras a frente do seu tempo, entre outros promoveram uma verdadeira ruptura no estilo clássico promovido sobretudo pela perspectiva parnasiana e a cultura europeia e começaram a abrir espaços para descrever particularidades ligadas às diferentes identidades brasileiras, destacando certos estigmas sociais, ratificando culturas e diversidades e denunciando as crises sociais.

Nesse cenário de rupturas nacionais, muitas das reflexões que emergiram, como o racismo, o preconceito de classes, a sexualidade, eram temas que apareciam nas obras, quebrando a expectativa de uma realidade ideal e problematizando uma diversidade de realidades que assola não só a vida cotidiana dos sujeitos em interação, mas também como reflexo retratado pelo escopo literário da época. Assim, mesmo diante de tais problematizações, parece, ainda, caro observarmos como essas questões sociais se (des)tecem nos fios condutores da autoria, que se esvaem nos mais diferentes textos e enunciados colocados na dispersão dos sentidos na história.

Dessa forma, com vistas a introduzir o problema aqui estudado, cabe salientar que a análise empreendida é parte de nossa pesquisa de Mestrado, na qual analisamos a constituição e gestão de autoria, na relação com a Interseccionalidade, nas obras *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Focaremos aqui, no entanto, apenas na gestão do lugar discursivo de

autor de Conceição Evaristo, permeada pelo regime interseccional, tendo em vista sua imbricação no discurso literário e científico a partir da materialidade inscricional de *Ponciá Vicêncio* e valores atribuídos a ela por meio do polo de recepção.

Para tanto, no âmbito dos estudos discursivos, mobilizaremos a noção de imagem de autor (Maingueneau, 2006, 2010, 2016) para analisar o gerenciamento do lugar discursivo e os aspectos da materialidade inscricional e da constituição de valor dela, respectivamente; também, tomamos a noção de interseccionalidade como teoria social crítica (Collins; Bilge, 2020, Collins, 2022) para analisar e descrever não apenas os discursos em si produzidos pelas relações interseccionais de poder, mas também como elas permeiam a gestão da autoria, influenciando o posicionamento do autor num dado campo discursivo.

O corpus de análise, como dito anteriormente, é composto pela obra *Ponciá Vicêncio*, escrita por Conceição Evaristo, tendo sua 1ª. edição publicada em 2003 pela editora Mazza. Para a nossa pesquisa, contudo, tomaremos como corpus sua 3ª. edição, publicada pela editora Pallas em 2017, em específico o prefácio da obra, intitulado “Falando de Ponciá Vicêncio...”. Levando em conta, ainda, que analisaremos a gestão da autoria a partir da materialidade inscricional da obra e os valores atribuídos a ela por meio do polo de recepção, consideramos pertinente adicionar mais dois corpora à análise, a saber: o primeiro é composto por comentários da rede social *Skoob*<sup>3</sup>, uma rede para leitores de livros; no segundo, serão analisados um artigo científico que têm *Ponciá Vicêncio* como objeto de análise, ambos adotando perspectivas e análises diferentes em relação à obra.

---

<sup>3</sup> O *Skoob* é uma rede social brasileira voltada exclusivamente para leitores. Criada em 2009, uma plataforma tem como objetivo principal reunir pessoas interessadas em literatura, oferecendo um espaço virtual para catalogação, avaliação e discussão de livros. A estrutura do *Skoob* permite que os usuários criem perfis nos quais podem registrar os livros que já leram, estão lendo ou desejam ler. Além disso, cada obra pode receber análises, notas, comentários e classificações. Essa dinâmica torna o *Skoob* não apenas um catálogo pessoal de leitura, mas também um espaço coletivo de recepção crítica e afetiva, em que os leitores analisam, constroem interpretações e atribuem sentidos às obras, frequentemente influenciando outros usuários. O *Skoob*, portanto, funciona como um dispositivo contemporâneo de recepção que atua diretamente na gestão simbólica da autoria e no valor social das obras literárias. Endereço da plataforma: <https://www.skoob.com.br/>.

## 1. Palcos da Autoria: Texto, Produção e Recepção

Na obra *Doze conceitos em análise do discurso* (2010), Maingueneau propõe repensar a noção de autoria como imagem do autor, desse modo, o trabalho de construção de uma imagem de autor está intimamente ligada à predominância que esses gestores da obra dão a uma ou outra instância de funcionamento que coloca a autoria em três dimensões: a pessoa (enquanto estatuto determinado historicamente e tratado como um autor-responsável), o escritor (posição de autor numa dada inscrição social, histórica e ideológica) e o inscitor (auctor, aquele sujeito que é atrelado a uma obra, ao "Opus", que consagra a figura do sujeito numa dada inscrição social). Quando trabalhamos com tal noção, consideramos que “a encenação do escritor não é apreendida aí como um conjunto de atividades que permaneceriam fora do recinto sagrado do Texto, mas como uma dimensão constitutiva do discurso literário” (Maingueneau, 2010, p. 140).

Podemos (re)pensar que a imagem de autor não é um trabalho exclusivo do próprio autor, que se elabora na confluência de gestos e palavras, de ritos que caracterizam um processo de criação e edição, mas também dos comentadores que contribuem para o moldar. Desse modo, principalmente no campo literário, o trabalho com a imagem do autor é significativo, pois a construção/reformulação de suas imagens, alguns escritores, antes marginais, foi incluída entre os grandes escritores, dos clássicos da literatura universal. Nessa perspectiva, o poder não está no texto, mas na “imagem que se tem do autor, e, ao fazer isso, na realidade, modifica-se a imagem do autor para o público”. Muitas vezes uma epígrafe, um título ou um prefácio podem, em uma intervenção póstuma, reinterpretar “os traços de gestos ou de palavras deixadas pelo escritor” (Maingueneau, 2010, p. 146).

Esses sinais contribuem para dar forma à imagem de autor que pode operar em duas zonas: uma em torno do texto e outra em torno do ator. A zona do ator atua em duas dimensões, implicando para ele um duplo trabalho: o de regulação e o de figuração (Maingueneau, 2006). A dimensão de figuração é a encenação do criador no espaço literário e relaciona-se ao modo como o “ator se põe em cena como escritor: viaja ou não, vive afastado no campo ou no centro de uma cidade grande, aparece na TV ou se oculta” com perspectivas variáveis de figuração, de acordo com o regime de literatura que prevalece ou, ainda, de modo mais específico, em função da forma de posicionamento

desse autor no campo em determinado momento histórico (Maingueneau, 2010, p. 147). A dimensão de regulação “torna possível reorientar a trajetória do conjunto em que se situa toda obra singular: ser escritor é dar sentido a suas atividades passadas e presentes em função de um futuro projetado” (Maingueneau, 2006, p. 147). Em outras palavras, a figuração seria a construção da identidade criadora e a regulação seria a negociação do autor para inserir sua obra num dado estado no campo discursivo.

Para tornar mais clara a questão da imagem do autor, Maingueneau (2010) propõe que se fale em regimes de autoralidade, que culminam em imagens distintas, decorrentes da interação entre três instâncias ou polos heterogêneos, essa integração entre eles contribui para a construção de uma imagem de autor. Por um lado, temos o polo da produção em que o criador molda sua trajetória em função de uma imagem de autor que não para de construir o conjunto de sua obra, por outro, o polo do texto, em que a formatação e a circulação dos textos de autor dependem da imagem de autor que é constantemente legitimada quando está sendo construída. Por fim, o polo da recepção, em que a decisão do leitor de entrar em comunicação com um texto depende da imagem do autor que condiciona as estratégias de interpretação. Portanto, a imagem do autor exige uma sutileza de análise com manejo delicado, para que o analista não incorra no erro de tratar os três polos apresentados como estáveis, pois há profunda imbricação entre eles. Assim, o autor não seria tomado como a fonte da obra, mas como um dos meios pelos quais a obra o (res)significa, a construção de sua imagem é igualmente dependente da obra e de seu estatuto na sociedade. Ademais, em um duplo movimento, a construção de sua imagem depende da imagem de autor que emana da obra e do seu estatuto na sociedade. Desse modo, o autor, a obra e sua imagem são elementos que são mobilizados conjuntamente por meio de operações diversas, no cultivo de ritos genéticos editoriais, que variam de acordo com determinadas épocas e tipos de discurso.

Logo, abordando os ritos como “procedimentos sistemáticos destinados a consagrar certas práticas”, e a gênese “como convergências históricas que se condicionam” (Salgado; Doretto, 2018, p. 1) e, assim, estabelecem uma orientação de sentidos para a instituição de um posicionamento num campo. Para tanto, a autoria torna-se possível, a partir dos ritos editoriais condicionados por uma gênese, devido a todo um trabalho de mediação material que possibilite a inscrição de enunciados num determinado

suporte que será porvir um livro: falamos aqui da materialidade inscricional, convocada aqui sob a noção de *mídiu*m (Debray, 2000).

Antes de prosseguir, importa sublinhar que são inúmeras as noções sobre as materialidades referidas por “livro”, mas, de acordo com Barbier (2008), a arquitetura de qualquer desses dispositivos pode ser entendida como um “sistema livro”: “i) objetos feitos de elementos materiais – das matérias-primas ao processamento de sofisticados dispositivos –, ii) administrados por diferentes autores sociais – com atribuição de funções e valores – e iii) distribuídos – portanto avalizados – por instituições diversas”.

Dessa forma, o *mídiu*m é responsável por condicionar os usos que podemos fazer dele e, por isso, implica na produção e no funcionamento de sentidos do que é enunciado. Não é apenas um meio, um instrumento usado para transmitir o discurso, é seu “[...] modo de existência material: modo de ‘suporte/transporte e de estocagem, logo, de memorização’” (Maingueneau, 2002, grifos do autor). Tendo isso em mente, se quisermos pensar na emergência de uma obra, não é possível desconsiderar as formas de transmissão e de suas redes de comunicação, pois entendemos que nenhuma obra se significa sozinha, as “[...] mediações materiais não vêm acrescentar-se ao texto como ‘circunstância’ contingente, mas intervêm na própria constituição de sua ‘mensagem’” (Maingueneau, 2002, p. 85, grifos do autor).

Tendo isso em mente, a partir das proposições de Maingueneau (2010, 2016) sobre a gestão da autoria, considera-se que ela está imbuída de características que mostram um ser no mundo e, concomitantemente, de um mundo que se constitui à medida que é dado fôlego a esse ser. Nessa perspectiva, ao estabelecermos que a autoria é construída numa relação enunciativa e de trabalho com outros sujeitos e instituições sociais, desse modo, leva-se em conta que as experiências individuais e sociais são fatores preponderantes não apenas na constituição e gestão de uma obra, mas da própria autoria em si, pois, como salienta Collins (2020, p. 28),

experiências podem ser teorizadas de maneira tão detalhada quanto livros, filmes e textos. Os indivíduos têm experiências, mas o significado que atribuem a elas deriva dos lugares que ocupam suas famílias, seus grupos, suas nações e em outras coletividades que constituem seu mundo social.

Nesse caminho, acreditamos ser pertinente para os objetivos da pesquisa o conceito desenvolvido e lapidado por Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2020), que, ao

trabalharem o conceito de interseccionalidade, quando propõem um aparato para pensar as relações de poder que envolvem raça, classe, gênero etc. como entidades que se sobrepõem e funcionam de forma unificada - e, ainda, podem afetar todos os aspectos de convívio social - e, por isso, formam relações interseccionais de poder. Assim, as autoras pontuam uma descrição do que é interseccionalidade, de uma forma de recepção mais genérica, que pode ser compreendida como uma forma de investigação de

como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Collins; Bilge, 2020, p. 16).

Tendo em vista os corpora elencados, considerando como os discursos de opressão, interseccionalizados, influenciam na gestão da figura discursiva de autor e, por conseguinte, como se dá o posicionamento da autora a partir do meio literário e, por conseguinte, numa possível imbricação com o meio científico, articularemos, assim, as noções supracitadas em nossa análise.

## **2. Ponciá Vicêncio em Cena: Vozes da Recepção**

Conceição Evaristo, no prefácio da 3ª edição de *Ponciá Vicêncio*, relata que essa edição marca sua primeira publicação solo e que ela classifica o livro como um “romance”. Nesse texto introdutório, intitulado “Falando de Ponciá Vicêncio...”, a autora situa a narrativa da obra, ao mesmo tempo em que afirma sua autoria e se inscreve no campo literário. Logo no início do prefácio, Evaristo rememora uma de suas palestras, na qual iniciou sua fala dizendo que gostava mais de alguns parentes do que de outros. A afirmação causou surpresa na plateia, mas ela logo esclareceu que falava das personagens que havia criado: “Falava das personagens criadas por mim. Minhas crias, portanto, parentes e de primeiro grau” (Evaristo, 2018, n. p.). A partir dessa perspectiva, a autora constrói uma enunciação que aproxima as experiências das personagens das suas próprias vivências, especialmente no caso da protagonista do romance.

Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. [...] A nossa afinidade (Ponciá e eu) é tão grande, que, apesar de nossas histórias diferenciadas, muitas vezes meu nome é trocado pelo dela. [...] Na (con)fusão já me pediram autógrafo, me abordando carinhosamente por Ponciá Evaristo e distraída quase assinei, como se eu fosse a moça, e a moça fosse eu (Evaristo, 2018, n.p.).

Assim sendo, podemos observar Conceição Evaristo dando funcionamento à sua imagem de autora, gerindo, por conseguinte, autoria (Maingueneau, 2006, 2015) enquanto Pessoa, relacionando suas experiências pessoais às de sua personagem; enquanto Escritora, por ter escrito o prefácio da 3ª edição de seu próprio livro, o qual passou por todo um trabalho editorial - ou seja, passou por uma gama de procedimentos sistemáticos - para consagrar-se obra; e enquanto Inscritora, construindo e gerindo sua própria cenografia ao relatar, nas notas iniciais, um outro acontecimento seu, e o relacionando não apenas ao que está dizendo nessa parte em questão, mas ao que estará por vir na história da obra, de fato.

Tendo isso em mente, arriscamo-nos em acrescentar que as experiências dão motivo não apenas para “as pessoas se disporem a enfrentar a difícil tarefa de teorizar”, como pontua Collins (2022), mas também para escrever e, com essa ação, queremos significar o fazer literário, se instituir no e pelo meio literário, tal qual como foi feito por Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, no final do prefácio escrito pela autora, Conceição Evaristo expõe um ponto de vista que, como ela mesma diz, tem afirmado sempre:

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo de publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a ser vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social (Evaristo, 2018, n. p.).

Dessa maneira, observa-se como Conceição Evaristo constrói uma enunciação, gerindo sua autoria - logo, sua imagem de autora, na imbricação das três instâncias que constituem sua autoria -, expondo não apenas os entraves do ato de escrever enfrentados por mulheres, mas também os desafios editoriais de publicação e de oportunidades para publicação, tendo, neste contexto, as condições de etnia e social como empecilhos a serem



considerados além da condição de gênero para a constituição de autoria. Ao colocar o ato de escrever imbuído de um sentido político, tendo esse sentido redobrado quando se acrescenta os entraves editoriais para publicar, a autora nos mostra o engendramento das relações interseccionais de poder em funcionamento e, ao fazer isso, expõe como a publicação, como o meio de distribuição das obras, é imprescindível para a constituição da autoria, é político.

Tendo essa perspectiva em mente, nota-se como o *mídiun* (Debray, 2020), enquanto dispositivo inscricional, carrega a lógica de organização social, logo, como postulamos, das relações interseccionais de poder e, como teoria social crítica em formação, a Interseccionalidade visa não apenas refletir sobre as relações de poder com base na ênfase na dominação, mas especificamente no “desenvolvimento do conceito de resistência intelectual e na análise de conexões da interseccionalidade com ela” (Collins, 2022, p. 24).

Como já apresentado, a imagem de autora se constitui em duas zonas principais: a da figuração e a da regulação. Essa imagem é também influenciada pelos regimes de autoralidade, os quais resultam da interação entre três polos heterogêneos - o polo de produção, o polo textual e o polo de recepção. A autoria, portanto, só se efetiva plenamente quando há imbricação entre esses três polos, produzindo diferentes imagens autorais. a. A partir do momento em que *Ponciá Vicêncio* ganhou forma e foi publicada em sua 1ª edição, inicia-se um movimento de figuração, isto é, de construção da identidade criadora do autor.

Com a publicação da 3ª edição, Conceição Evaristo estabelece também um processo de regulação da materialidade inscricional. Ao incluir um prefácio - ausente na edição original - ela modifica o valor atribuído à obra, alterando a valência do meio. Esse gesto contribui para a consolidação de sua imagem de autor, ao mesmo tempo em que se posiciona no campo literário. Nele, Evaristo inscreve sua voz ao expor questões sociais interseccionais que a atravessam enquanto pessoa, escritora e inscrita.

Quanto aos regimes de autoralidade, focaremos, por enquanto, no polo de recepção. Para tanto, consideramos pertinente trazer dois *corpora* à análise. O primeiro (Figura 1) foi retirado da rede social Skoob que, como afirma a descrição da plataforma, é “a maior rede social do Brasil criada especialmente para quem ama ler”, composta por

mais de “10 milhões de leitores”<sup>4</sup> para compartilhar experiências literárias. O segundo, é um artigo científico que tem como objeto de análise a mesma obra em questão, o qual aborda, por outro lado, a recepção de *Ponciá Vicêncio* na França; vale ressaltar que o artigo - intitulado *Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França*<sup>5</sup> - foi encontrado na *SciELO Brasil*, uma biblioteca virtual de periódicos científicos brasileiros.

Podemos entender que *Ponciá Vicêncio*, a partir de sua publicação e recepção pelo polo de recepção, passa a gerar outros materiais derivados. Entre eles, podem-se incluir resenhas, seja críticas e/ou literárias, - inclusive em plataformas como a rede social Skoob -, comentários sobre a obra e, eventualmente, sobre o próprio autor, bem como artigos de caráter científico que tomam a obra como objeto de análise. A partir disso, tomemos nosso primeiro recorte retirado do Skoob:

**Figura 1.** Print de tela da rede social Skoob que mostra a página onde é possível encontrar a resenha da obra



Fonte: Skoob (2025)

Na Figura 1 acima, observamos a capa da 3ª. edição da obra ao lado esquerdo, o nome da obra e da autora, respectivamente, abaixo, e, ao lado, encontramos alguns outros

<sup>4</sup> Ver SKOOB. Disponível em: <https://www.skoob.com.br/>.

<sup>5</sup> Ver VALENTE, Marcela Iochem; CARNEIRO, Teresa Dias. Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 2, n. 56, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jP4VkbztHPGcKRZcfyLbsjn/>.

elementos não verbais - não nos ateremos a todos eles por não serem pertinentes nesse momento, contudo, cabe acrescentarmos algumas considerações: este *print* foi retirado da página de *Resenhas* da obra, como é possível notar na parte de cima e à direita da imagem da capa do livro, destacado, em negrito, a titulação em questão. É interessante ressaltar que, mesmo a página exposta sendo intitulada pelo site como “Resenha”, os enunciados presentes nela, escritos pelos diversos leitores e leitoras, podem não ser necessariamente uma resenha crítica e/ou literária no viés dos estudos literários, de fato,, mas, sim, um comentário opinativo, expondo os pontos de vista e o que mais os leitores tenham pensado e/ou sentido acerca da obra - ou da própria autora.

Passado ao enunciado em questão na Figura 1, temos, em negrito, “Divisor de águas”, o que, no site, é posto como o título que o leitor dá à sua “resenha”; abaixo, tem-se o comentário dele:

Conceição Evaristo é impecável em todas as suas obras. Ponciá foi a primeira que li, reli, ?teli? e valeu cada vírgula. É emocionante, chocante, revoltante? a ancestralidade presente nos bota em um lugar de profunda reflexão sobre a sociedade brasileira e como ainda é organizada.

Posto isso, ao observar o enunciado, percebe-se os elementos gramaticais que esbarram na gramática normativa, nos fazendo considerar que eles podem construir a possibilidade interpretativa de que o leitor da obra faz uso da linguagem oral e/ou informal, como quem está à vontade para contar a um amigo o que a leitura da obra significou para ele e, ainda, de construir a possibilidade interpretativa de que o usuário da plataforma digital *Skoob* tem do meio digital e de suas regras acerca do uso da linguagem, ora podendo ser mais normativo, ora mais informal - como é o caso no enunciado observado na Figura 1.

Nele, observamos as três instâncias que constituem a autoria em funcionamento que, simultaneamente, é gerida pelo polo de recepção: o leitor atribui valor não apenas à obra em questão, mas às outras obras escritas por Conceição Evaristo, à instância da Inscritora – responsável por dar fôlego à obra, gerir a cenografia e também ao nome que é associado à obra -, à Escritora - que se insere na Instituição Literária, numa dada inscrição social e histórica e que é regulada por outras instituições sociais, como o meio editorial, por exemplo -, e à Pessoa – instância que, antes de ser autor, é sujeito socio-historicamente constituído por experiências, sociais e individuais que, tendo em vista as

experiências decorrentes de opressões interseccionais por raça, gênero e classe, por exemplo, podem vir a influenciar as outras duas instâncias.

No segundo corpus de análise selecionado, focalizamos o artigo descrito anteriormente. Não pretendemos, no presente momento, analisar o artigo em si e/ou a pesquisa feita acerca da obra em questão, mas suscitar uma reflexão acerca da gestão da autoria de Conceição Evaristo, decorrente do polo de recepção, influenciada pelo âmbito do discurso científico, um discurso constituinte. Para tanto, Maingueneau (2006) propõe que os discursos constituintes partilham algumas características - não reconhecem autoridade além de sua própria e se pretendem fundadores (porta-vozes de um Absoluto) e não fundados por outros discursos - e fontes legitimadoras que lhe conferem valores: o saber, a verdade, a razão, o divino. Aquino (2016 apud Aquino, 2023) destaca que a fonte legitimadora do discurso científico - a razão, ou a verdade - apesar de parecer uma entidade externa, é constituída pelo próprio discurso, isto é, decorre da própria enunciação.

Dessa forma, como pontuamos anteriormente, o polo de recepção refere-se à decisão do leitor de entrar em comunicação com um texto, dependendo ainda da imagem do autor que condiciona as estratégias de interpretação. Tendo isso em mente, ao ter sido tomado como objeto de análise de um artigo científico, posto em outros meios de gestão e circulação, inscrevendo-o, por conseguinte, no meio científico, *Ponciá Vicêncio* possibilita, a partir de sua materialidade inscricional recebida pelo polo de recepção, a inscrição da autoria de Conceição Evaristo no âmbito do discurso científico, atribuindo à sua imagem de autora uma dupla valoração - tendo como fonte legitimadora a “verdade”/“razão” pelo científico, e o “divino” pelo literário -, pois, ao inserir-se no meio literário a partir da publicização de sua obra, insere-se no discurso literário, outro discurso constituinte (Maingueneau, 2006).

### **Ressonâncias da Autoria**

Nesta tentativa de pensarmos a gestão da autoria de Conceição Evaristo, a partir de *Ponciá Vicêncio* e do polo de recepção da obra que, concomitantemente, gera e influencia sua imagem de autora, é possível observar como a circulação e a apropriação

do texto atribuído para a classificações de uma identidade autoral que se constrói em diálogo com leitores, críticos e instâncias institucionais. A recepção da obra - por meio de resenhas, comentários em redes sociais, artigos acadêmicos e demais formas de leitura pública - não apenas reflete interpretações diversas, mas também participa da constituição simbólica do autor no campo literário. Assim, a autoria de Evaristo não se limita ao ato da escrita, mas se prolonga e se redefine nas práticas de leitura, nas reações sociais e nas redes de reconhecimento que envolvem sua produção, revelando o caráter dinâmico e relacional da construção da imagem autoral.

Tendo isso em mente, Patrícia Hill Collins salienta que as teorias sociais críticas tanto explicam quanto criticam as desigualdades sociais vigentes, tendo em vista ainda um ensejo à mudança e, para tanto, não basta apenas analisar gênero, raça, etnia, sexualidade, nacionalidade, capacidade, idade etc., como os únicos eixos possíveis de opressão; a Interseccionalidade diz respeito também a como suas ideias acerca desses eixos - mas também da própria teoria e teorização que os pensam - são criadas e utilizadas, assim, Collins (2022, p. 25) afirma que a “teoria social crítica é uma forma particular de resistência intelectual”.

Dessa forma, para além de refletir acerca da inscrição da autoria de Conceição Evaristo no âmbito do discurso científico, atribuindo à sua imagem de autora uma dupla valoração pelas fontes legitimadoras do científico e do literário - isto é, a verdade/razão e o divino, respectivamente -, a Interseccionalidade, enquanto teoria social crítica em formação, visa não apenas refletir sobre as relações de poder com base na ênfase na dominação, mas especificamente no “desenvolvimento do conceito de resistência intelectual e na análise de conexões da interseccionalidade com ela” (Collins, 2022, p. 24).

Com isso, queríamos, com esse gesto de análise, propor uma reflexão para pensar a inscrição da autoria de Conceição Evaristo, tanto no campo literário quanto no campo científico, como uma forma de resistência intelectual e de oposição às relações interseccionais de poder, as quais são materializadas, também, em instituições editoriais, dificultando a publicização de sua(s) obra(s), logo, se possamos pensar assim a partir da teoria utilizada, da constituição e gestão de sua vida, pois, tendo em mente as instâncias constitutivas da autoria, são as três profundamente imbricadas entre si.

## Referências

- AQUINO, Patrícia Aparecida de; BITENCOURT, Daiane Rodrigues de Oliveira. A Produção de (in)verdades sobre “dislexia”: o funcionamento da ciência como um discurso constituinte. In: BARONAS, Roberto Leiser; VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina (orgs). *Senderos Discursivos: uma homenagem a Dominique Maingueneau*. Campinas, SP: Pontes, 2023. 139-158 p.
- COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Trad. Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- DEBRAY, Régis. *Transmitir: o segredo e a força das ideias*. Trad. Guilherme de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Org. Sírío Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.
- MAINGUENEAU, Dominique. Autoralidade e pseudonímia. Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 15, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1286>, 2016.
- SALGADO, Luciana Salazar. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2011.
- SALGADO, Luciana Salazar; DORETTO, Vitória Ferreira. Implicações entre mídiu e paratopia criadora: um caso de autoria exponencial. **Acta Scientiarum. Langage and Culture**, v. 4, n. 2, 2018.

VALENTE, Marcela Iochem; CARNEIRO, Teresa Dias. Literatura afro-brasileira rompendo barreiras através da tradução: algumas considerações sobre a recepção de Ponciá Vicêncio na França. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 2, n. 56, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jP4VkzbtHPGcKRZcfyLbsjn/>.